

Romance e Política na Literatura Hebraica¹

Fiction and Politics in Israeli Literature

SAUL KIRSCHBAUM

Doutor em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica pela Universidade de São Paulo com pós-doutorado junto à Universidade Estadual de Campinas

RESUMO Mesmo desde antes de sua criação, e até os dias de hoje, o Estado de Israel tem sido palco de intensas disputas políticas. Questões como a diáspora, a condição judaica, o relacionamento com os vizinhos árabes, o chamado “pós-sionismo”, entre tantas outras, têm alimentado vivos debates no *Knesset* e na imprensa, além de tecer o pano de fundo para uma rica atividade literária. O objetivo deste artigo é apresentar um panorama da moderna literatura israelense, através da análise de romances ou contos de autoria de seus mais importantes ficcionistas, com tradução brasileira, selecionados pela presença, em suas narrativas, das questões políticas mais urgentes do cenário nacional israelense.

PALAVRAS-CHAVE Literatura israelense contemporânea, metanarrativa sionista, literatura e política.

ABSTRACT Even since before its inception, and until this day, the State of Israel has been the scene of intense political wrangling. Issues such as the Diaspora, the Jewish condition, the relationship with its Arab neighbors, the so-called “post-Zionism”, among many others, have fueled heated debates in the *Knesset* and in the press, and weave the backdrop for a rich literary activity. The objective of this paper is to present an overview of the modern Israeli literature, through analysis of novels and short stories written by its most important fictionists, with Brazilian translation, selected by the presence, in their narratives, of the most pressing political issues of the Israeli national scene.

KEYWORDS Contemporary Israeli literature, Zionist metanarrative, literature and politics.

O ESTADO DE ISRAEL, EM SUA CURTA EXISTÊNCIA, E MESMO ANTES DE SUA CRIAÇÃO, tem sido palco de intensas disputas políticas; após dois mil anos de privação de autonomia, o povo judeu incorporara sua condição de minoria mais ou menos tolerada e aperfeiçoara mecanismos de preservação de sua especificidade nacional, em termos culturais e religiosos, em cada território habitado. A longa experiência de exclusão, de opressão, e a preocupação com a justiça social, herança da mensagem profética, levava parte do povo, principalmente no leste europeu, à adesão ao ideário socialista e à militância revolucionária.

As experiências nacionalistas europeias, do século XIX e início do XX, foram conduzidas por povos que reivindicavam soberania estatal nos territórios em que habitavam há séculos, buscando momento na desagregação dos grandes impérios, austro-húngaro, turco, tsarista. A proposta sionista, de criação de um estado em outro local, já habitado por uma população própria, e a partir de um povo sem tradição de atividade política autonomista, trouxe problemas teóricos e práticos não vivenciados pelas nações europeias recém-formadas ou em formação. Para estas, a condição de identidade era dada pela residência em um território consagrado pela tradição e por laços étnicos reconhecidos. Para o povo judeu, há tanto tempo disperso por tantas regiões, sujeito a distintas influências culturais de tantos povos, a própria condição de identidade era problemática.

Questões como a preparação do povo para se constituir em estado, a absorção de

levas de imigrantes portadores de tradições culturais tão diversas, o relacionamento com a diáspora, a condição judaica, a convivência com os vizinhos árabes, a criação e estabilização de instituições estatais, o chamado “pós-sionismo”, entre tantas outras, têm alimentado vivos debates no *Knesset*² e na imprensa, e tecem o pano de fundo para uma rica atividade literária. Possivelmente, não há outro povo cuja ficção seja tão permeada pelo cenário político.

O Estado de Israel existe há pouco mais de sessenta anos; a ideia de sua criação data de pouco mais de cem anos. Não obstante, o foco das preocupações políticas tem experimentado alta mobilidade, refletindo a dinâmica do cotidiano israelense. Neste artigo, tento apresentar um panorama da moderna literatura israelense – certamente muito incompleto – através da análise de romances ou contos de alguns de seus mais importantes ficcionistas; o critério de seleção privilegiou a presença, nas narrativas, das questões políticas mais urgentes do cenário nacional israelense no momento em que foram escritas, bem como a existência de tradução brasileira.

“Efraim volta para a alfafa”

S. Izehar (pseudônimo de Izehar Smilanski) nasceu em Rehovot, em 1916, e faleceu em 2006. Segunda geração de uma família de escritores e agricultores, imigrantes russos membros da intelectualidade dos primeiros sionistas, lutou na Guerra da Independência. Foi deputado desde a criação do *Knesset*, em 1948, até 1967, como representante do Mapai, partido político encabeçado por David Ben-Gurion. Foi professor de Educação na Universidade Hebraica de Jerusalém e de Literatura Hebraica na Universidade de Tel Aviv. Começou a publicar em 1938, o período politicamente conturbado do final

da década de 1930, e foi considerado o mais ilustre escritor de Israel e o mais importante romancista da “Geração da Guerra de Independência”, a primeira geração de escritores nascidos em Israel. Sua obra abrange contos, romances, histórias para crianças e crítica política. Ganhou o Prêmio Israel por *Os Dias de Ziklag*, além dos prêmios Brenner, Bialik e Emet para Arte, Ciência e Cultura.³

A característica mais fascinante de sua escrita é a utilização de técnicas de fluxo de consciência, que ele usava como uma transcrição da própria realidade externa. Foi grandemente influenciado pelos principais escritores de ficção em fluxo de consciência, como William Faulkner e Virginia Woolf. Tendia a santificar a vida ordinária e exaltar o trabalho diário dos pioneiros, mas também colocou pontos de interrogação sobre essas lendas pioneirísticas, descrevendo indivíduos perturbados, em luta com a carga insuportável dos mitos coletivos. Mais simbolista do que naturalista, Izehar tendia a preocupar-se menos com os sentimentos de seus protagonistas do que com o mundo no qual eles pensavam e agiam. Sua escrita é notável por sua observação detalhada, multifacetada, da paisagem; como resultado, esta seguidamente se torna personificada e mitologizada, simbólica.

Os protagonistas de Izehar – jovens homens nascidos nas aldeias, que tornaram possível o empreendimento sionista por meio de colonização e defesa, mesmo sonhando com paisagens visionárias e mulheres imaginárias – eram uma espécie de aristocracia, os cavaleiros-errantes de Erets Israel. Mas suas personagens eram pessoas comuns, em suas vidas comuns. As histórias detalham tudo, desde o lugar de uma pessoa na vida do kibutz (como em “Efraim volta para a alfafa”), até a resistência de uma aldeia judaica contra um ataque árabe, um comboio ao Neguev conflagrado, ou os maus tratos aos árabes durante a guerra. Na medida em que

existe um padrão de interioridade na escrita de Izehar, ele tem a ver com o desejo dos protagonistas de se libertarem de suas existências mundanas; mas seus sonhos invariavelmente são despedaçados pelas exigências do momento. O que determina a trama das histórias não são as relações humanas ou os eventos dramáticos, mas detalhes banais, como o tempo entre o jantar e a assembleia que iria decidir se Efraim continuaria ou não na alfafa.

“Efraim volta para a alfafa” foi publicado em 1938, na revista literária *Guilionot*; no Brasil, foi incluído na coletânea *A Geração da Terra*, em 1983. Já nessa obra de juventude Izehar mostra seu domínio das formas de discurso indireto livre, fluxo de consciência, monólogo interior, a ponto de, em alguns momentos, o leitor ter dificuldade para identificar quem está falando, como, por exemplo, neste trecho:

– Que calor hoje, sufocante! – Queixou-se alguém para ele, como se fossem íntimos. – Ah, sim. Amanhã vamos suar como se deve... – E, na verdade, falando francamente, ele, o próprio Efraim, o que acontecera com ele com o passar de todos esses anos? Esses anos, feitos da perseguição de um dia empós de outros que ainda não terminara, numa corrida rápida, até que num certo momento se percebia que já era tarde e que aquilo que restava e que era sempre adiado para o amanhã, neste ínterim, era removido para outro lugar; e que aquilo que era secundário se havia transformado no essencial e só restava o secundário, só isso, uma peça sólida, que lhe pertencia mesmo contra à vontade, e nada além disso. (IZEHAR, 1983, p.200)

Como se vê, o clima é de desânimo, de aborrecimento face à monotonia do cotidiano, de melancolia; este clima se reflete em desinteresse face

ao que está por acontecer, a ponto de Efraim não ter vontade de participar da assembleia que talvez o liberasse do trabalho na alfafa; a, no íntimo, preferir que a assembleia fosse adiada: “(e)sta noite, parecia-lhe estar demasiadamente cansado, muito cansado para debater com eles, e o melhor seria estender-se na cama, no escuro, e pensar sobre muitas coisas, pensar dessa vez a fundo, ou, pelo menos, não pensar nada e tirar um cochilo.” (IZEHAR, 1983, p.201)

A descrição polifônica apresenta muitas personagens, Abranke, Schapira, Sara, Dvorke, Schlomo, Avigdor, Itzik, Dov, Nahum, Meir. Todos desinteressantes, mariposas em redor da luz – “À noite, o barulho, as risadas, a desordem e o alvoroço, e os bandos de mariposas que se azafamavam ao redor da luz” (IZEHAR, 1983, p.202). A profusão de nomes em ídiche indicia a origem comum no leste europeu. O sonho de uma vida significativa, que agora se desfaz em rotina, talvez tenha sido sonhado em conjunto antes da emigração.

Izehar põe em tela de discussão os fundamentos ideológicos da vida coletiva no kibutz, tratando com ironia o mito do “homem novo”, o conflito entre o coletivo e o individual, a posição da mulher frente ao discurso ideológico. Cabe perguntar se Efraim é um indivíduo ou se representa um grupo, uma visão de mundo.

O conflito com os árabes palestinos, que resistem à presença sionista em seu meio, era e é absolutamente central para toda a cultura e literatura hebraicas. Muitos escritores ambientam romances, contos, peças teatrais e poemas neste contexto. Pode-se, seguramente, afirmar que nenhum escritor foi mais fascinado por essa luta do que S. Izehar. No entanto, seus primeiros contos, escritos na década de 1930, como “Efraim volta para a alfafa”, ainda são dominados por outros aspectos do empreendimento sionista. A partir da publicação de

“Uma noite sem disparos”, em 1940, o foco se deslocará, e o confronto militar árabe-judaico se tornará o nexo de seu mundo ficcional.

“Berta”

Aharon Appelfeld nasceu em Tchernovits, província de Bucovina, Romênia, em 1932. Aos oito anos de idade, ele e seus pais foram capturados pelas tropas nazistas. Sua mãe logo foi morta, e Aharon e seu pai enviados para o campo de trabalho de Transnístria. Appelfeld acabou por fugir, e durante dois anos vagou pela Ucrânia rural. Em 1944 foi acolhido pelo exército soviético e trabalhou em suas cozinhas de campanha. Imigrou para a então Palestina em 1947 com a “Aliat Hanoar” – a Imigração Juvenil –, ingressando em um instituto educacional agrícola, e serviu dois anos no exército israelense, época em que retomou sua educação formal, que tinha sido interrompida após o primeiro grau. Posteriormente, estudou filosofia na Universidade Hebraica de Jerusalém e ensinou literatura hebraica em universidades israelenses.

Autor de uma obra extensa, poucos de seus escritos foram traduzidos para o português. A ficção de Appelfeld se concentra em torno de duas grandes correntes temáticas: o passado traumático das comunidades judaicas da Europa central antes da *Shoá*, em especial da comunidade judaica de Bucovina, onde viveu sua primeira infância, e a própria *Shoá*. Sua dedicação a esses temas e à memória das vítimas é muito bem expressa no comentário incluído em sua autobiografia, *Histoire d'une vie*: “Aquele que fala a língua dos supliciados não apenas lhes assegura a lembrança neste mundo, mas ergue uma muralha contra o mal e transmite a chama de sua fé de geração em geração” (APPELFELD, 2004, p. 97, tradução minha).

O conto “Berta”, publicado em 1962 na cole-

ção *Ashan (Cinzas)* e incluído em *O novo conto israelense*, em 1978, se desenvolve por oposições:

- 1) a oposição entre “lá”, a Europa central do Império Austro-Húngaro, e “aqui”, Israel. O espaço europeu é caracterizado como violento e assassino, frio, nublado, e sempre contém dois grupos étnicos: gentios (principalmente rutenianos) e judeus de diversas espécies. O espaço israelense, no entanto, é violento, mas não assassino, marcado por luz brilhante e calor opressivo, e contém um único grupo étnico: judeus de diversas espécies e mais ninguém.
- 2) a oposição entre benefícios materiais e compromissos assumidos há muito tempo; este conflito se manifesta na vontade que Max sente, em algumas ocasiões, de furtar-se à responsabilidade perante Berta: “Nesses momentos sentia-se capaz de pô-la na rua, de entregá-la à instituição de assistência social, de repreendê-la e até de surrá-la, coisa que, verdade seja dita, jamais chegou a fazer. Nesses momentos sentia todo o peso daquela carga humana que lhe fora imposta para arrastar consigo.” (APPELFELD, 1978, p.71)
- 3) a oposição entre as situações cognitivas das personagens e entre seus padrões espaciais; o palco central é ocupado por personagens cuja consciência é total ou parcialmente bloqueada. Estas personagens são caracterizadas como pessoas que fizeram todos os esforços “para enterrar suas memórias” – do período da *Shoá* e de sua infância – nas profundezas oceânicas da alma. Na página 72, por exemplo, o narrador diz que

Desde o dia em que ambos pisaram a terra de Israel, apoderou-se dela o esquecimento. As recordações congelaram-se num dos circuitos. Impossível extrair dela uma lembrança sequer, do mesmo modo que era incapaz de absorver algo. “Algum cano se entupiu”. Essa sensação, embo-

ra simplista, configurava-se para ele como certa-za indubitável, porque ele próprio também sentia uma obstrução (APPELFELD, 1978, p.72).

A situação cognitiva das personagens se reflete bem no padrão físico: dois espaços claramente separados. O primeiro espaço é a principal e mais significativa arena da ação; um espaço pequeno, denso e confinado, é o lugar de materiais inconscientes e não-processados, de perigoso potencial destrutivo, pois contém as memórias. O segundo espaço, a arena secundária da ação, é uma área aberta, sem fronteiras definidas e ocultando muitos perigos.

As memórias ameaçadoras e preciosas são incorporadas na personagem secundária, que nunca se aventura fora de seu porão. Todas as memórias de Max, o protagonista, são incorporadas em Berta, a personagem secundária. O quatinho e sua personagem podem representar a memória coletiva da tribo. A rua e a praça são os locais onde o protagonista é engolido no anonimato das massas.

- 4) a oposição entre o espaço privado, protegido, e o espaço público, ameaçador; a transição entre o espaço do porão e o espaço público envolve um grande perigo. Uma brecha na separação entre os dois espaços resulta na aniquilação da vida do porão. O protagonista, que expõe a personagem secundária, do porão à luz do mundo e ao curso ordinário do tempo histórico, a condena e, indiretamente, a si mesmo, à perda. Max tira Berta de seu lugar protegido para o espaço aberto, fazendo assim com que ela deixe sua estagnação biológica e emocional, adoeça e morra. Por sua vez, as mãos de Max se convertem em aros de ferro: Max se desumaniza.

O conto “Berta” propõe a reflexão sobre algumas questões iniludíveis:

- a) trata-se de uma narrativa realista ou alegórica?
- b) quem é Berta? À página 81, o narrador diz: “Teria Berta existido realmente ou seria apenas uma visão? Os pormenores voltavam a surgir, e quem poderia desmenti-los? Os sapatos, as contas, as sementes, as agulhas de tecer, a lã azul. Acaso isso foi Berta?” (APPELFELD, 1978, p.81).
- c) os efeitos da *Shoá*⁴ sobre a metanarrativa sionista.
- d) o problema da representação da tragédia, ou seja, a estetização da *Shoá*.

A Caixa Preta

Amós Oz (Amós Klausner) nasceu em 1939, em Jerusalém. Estudou na Universidade Hebraica de Jerusalém e na Universidade de Oxford. Israelense de segunda geração, viveu em um kibuts (Hulda) desde a década de 1950 até a de 1980. Serviu vários termos no exército israelense, por ocasião dos grandes confrontos militares contra os países árabes (1957-60, 1967 e 1973), e após a Guerra dos Seis Dias (1967) tornou-se um destacado advogado da paz, ligando-se a organizações que propõem uma solução de dois estados para o conflito israeli-palestino, como o *Paz Agora*. Além de escrever, trabalhou no kibuts em regime de tempo parcial e como professor. É professor de literatura na Universidade Ben Gurion e membro da Academia da Língua Hebraica.

Recebeu grande quantidade de prêmios, em Israel e na França, Alemanha, Espanha e Itália; não só prêmios literários, mas por seu esforço na promoção da paz.

Romancista, contista e ensaísta, sua obra simbolista, poética, reflete as divisões e tensões na cultura israelense. Bloqueados pelos conflitos, estão as tradições do intelecto e as necessidades da carne, a realidade e a fantasia, o sionismo rural e o anseio pela urbanidade europeia, os valores dos pioneiros

fundadores e a percepção cética de seus descendentes. Seus escritos apresentam uma visão irônica da vida em Israel.

A Caixa Preta é um “romance epistolar”; como tal, não há narrador. Os leitores, como espectadores de teatro, não têm acesso à subjetividade das personagens, não podendo ir além daquilo que elas resolvem dizer de si mesmas, ou que outra personagem diz a ela, ou que outra personagem diz de si mesma para uma terceira personagem. Os eventos do “mundo exterior” chegam ao leitor pelo impacto que causam nas falas das personagens. Além disso, como todas as falas são escritas, não há espontaneidade; e como todas as respostas são mediatizadas, a personagem sempre tem tempo para refletir.

A própria estrutura do romance funciona como uma “caixa preta”, passível de diversas leituras, o que remete ao *Pardes*, a tradição judaica de exegese. Nesse viés, a leitura simbólica (*Remez*) é claramente política:

Alexander representaria a elite ashquenazita, sionista socialista, não-religiosa, que colonizou a Palestina e fundou o Estado de Israel, derrotando os árabes em diversas guerras. Tentaram criar uma nação homogênea, forçando os diversos grupos de imigrantes (sefarditas, orientais) a se “assimilarem” à cultura europeia que trouxeram consigo. Foram afastados do poder pela ascensão da direita (com forte apoio religioso); não conseguiram resolver o conflito com os palestinos e nem evitar a expansão dos assentamentos.

Michel representaria a nova imigração de judeus orientais, ultrarreligiosos, que viveram (vivem ainda?) uma condição de cidadãos de segunda categoria; seu apoio à direita viabilizou a derrubada da esquerda trabalhista. Têm um projeto de reconstrução da “Grande Israel”, do retorno de toda a população judaica à religião. Opõem-se a qualquer

acordo político com os palestinos que implique na criação de um Estado Palestino. Procuram um espaço de participação na política do estado e lutam por impor uma legislação civil de acordo com os preceitos religiosos, abrangendo direito de família (divórcio etc.), educação escolar, observação do *shabat* e feriados religiosos, entre outros.

Boaz representaria o jovem israelense, para quem os mitos fundadores sionistas não têm mais valor, mas que também não veem motivo para manter um estado de guerra permanente com os palestinos e países árabes vizinhos e para a não existência de um estado palestino; talvez se possa pensar que Boaz é uma espécie de *alter ego* do próprio autor, indicando um futuro possível para o estado. Sua dedicação ao pai moribundo pode ser vista como a decisão de não renegar a importância da geração dos pioneiros; sua atitude de acolher a quem quiser habitar a colônia, inclusive o novo marido oriental e religioso da mãe, e a própria mãe, sem impor quaisquer obrigações, pode ser vista como uma pré-disposição para construir um estado democrático, multi-étnico, que represente todas as facções da população, sem que um grupo em particular detenha a hegemonia.

O fato de os três – Alexander, Michel e Boaz – sofrerem ou terem sofrido de problemas renais pode aludir a um envenenamento, uma incapacidade de resolver problemas internos.

Já Ilana, em uma leitura metafórica (*Derash*), pode ser vista como uma representação da própria Israel: primeiro, é conquistada pelos judeus sionistas socialistas europeus (ela também nasceu na Europa), depois aceita ser dominada pelos judeus religiosos do norte da África, mas não é fiel nem a um grupo nem ao outro. Boaz e Yifat, apesar de terem pais diferentes, são ambos filhos de Ilana, ou seja, possíveis desenvolvimentos do estado israelense.

No entanto, a leitura “simples”, direta (*Pshat*), não perde valor frente às leituras simbólica e me-

tafórica. Amós Oz é um excelente observador e retrata com muita sensibilidade a complexidade dos relacionamentos humanos. Neste sentido, os protagonistas, Ilana, Alexander, Michel e Boaz, são personagens com profundidade e passam por transformações ao longo dos quase nove meses cobertos pelo romance. Por sinal, o tempo de uma gestação – algo novo está nascendo?

A primeira imagem que se associa ao título, *A caixa preta*, é a do dispositivo que equipa aviões e navios, para registrar conversas entre tripulantes, medições dos aparelhos de controle (velocidade, altitude, ventos, temperatura etc.), de tal maneira que, na ocorrência de um desastre, o exame das informações armazenadas possa ajudar a esclarecer as circunstâncias do evento. É para este sentido que o próprio texto aponta, remetendo ao desastre do casamento de Ilana com Alexander, e também ao desmoronamento de seu casamento com Michel. Na leitura simbólica, política, pode alertar para um possível desastre, no futuro, sobre o Estado de Israel.

A ideia de *caixa preta* remete também a outra imagem, oriunda do campo da engenharia eletrônica, e que pode ser estendida para outros campos. Algo fechado, que não podemos abrir para ver como é por dentro. A *coisa em si* de Kant, o “O” de Bion. Algo a que só temos acesso por suas respostas a estímulos. Ou seja, podemos aplicar sinais externos e observar como responde o dispositivo que temos à nossa frente. *Analisar* a caixa preta equivale, então, a descrever seu funcionamento, seu comportamento, já que não temos acesso à sua essência.

Esta interpretação do título decorre da forma do romance, de sua estrutura epistolar, em que a ausência de um narrador nos priva da subjetividade das personagens, dos *aspectos obscuros do humano*, para falar como Emmanuel Levinas. Não

temos acesso direto à *mente* das personagens, só o que sabemos é que X, ao receber uma carta de Y com certo conteúdo, responde com certo outro conteúdo. E é com isso que nós, leitores, tentaremos entender X, avaliar o que se passa em sua mente. Com seres humanos, esta tarefa é incomparavelmente mais complexa do que com circuitos eletrônicos. Por isso, *A caixa preta* é um dos mais bem construídos romances de Amós Oz. As personagens estimulam umas às outras e respondem umas às outras, às vezes por meio de longas cartas, repletas de reflexões e contradições, às vezes por telegramas curtos e secos, e com isso descortinamos uma riqueza de vida mental, um complexo emaranhado de relações humanas.

Partes Humanas

Orly Castel-Bloom nasceu em 1960, de pais imigrantes do Egito. Estudou cinema no Instituto Beit Zvi e na Universidade de Tel Aviv. Publicou sua primeira coleção de contos em 1987 e, desde então, tem sido uma voz de destaque na literatura israelense, expandindo as fronteiras da língua hebraica e do estilo narrativo. Lecionou na Harvard University, na UCLA, na University of Califórnia at Berkeley, na New York University, na Oxford University e na Cambridge University. Atualmente, ensina escrita criativa na Universidade de Tel Aviv. Publicou romances, coleções de contos e um livro para crianças. Seus livros já foram publicados em onze idiomas.

O romance *Partes Humanas* foi publicado em 2002 e lançado no Brasil em 2003. Constrói uma representação ficcional de Israel em estado de catástrofe, assolado, ao mesmo tempo, por um clima rigoroso, uma epidemia de gripe, chamada de “saudita” – que talvez seja uma forma de arma biológica desenvolvida na Arábia Saudita – e constantes

ataques terroristas. Um dos resultados da soma desses fatores é uma forte crise econômica que paralisa o turismo, cancela voos para Israel e joga um elevado número de famílias para abaixo da linha de pobreza. Esta conjunção traz “uma mensagem de seca, fome, pobreza, desemprego, recessão, tédio, desespero e pânico existencial” (CASTEL-BLOOM, 2003, p.9).

A narrativa utiliza informações irrelevantes, banais, em estilo jornalístico, pretensamente objetivo, para relacionar as personagens umas com as outras, como no trecho:

Três quilos de açúcar mascavo, um pacote de sacarina, dois vidros de café comum, dois de descafeinado e dez litros de leite semidesnatado foram consumidos durante o shivá de Liat. No pequeno apartamento dos Beit-Halahmi, o consumo de açúcar pelas equipes de televisão foi de cerca de seis quilos de açúcar comum e um quilo de açúcar mascavo. O pessoal que tinha a responsabilidade de informar não consumia nenhum tipo de adoçante artificial, e bebia o café à moda turca, puro (CASTEL-BLOOM, 2003, p.102).

Por causa do clima de insegurança, o cenário político se radicaliza; cresce o número de atos de vingança, de retaliação de vingança, de assassinatos, de explosões; intensificam-se as invasões de cidades palestinas por forças israelenses; curiosamente, o efeito dessa situação é de desviar o debate público da violência geral para o clima, numa espécie de fuga. “(A)s pessoas preferiam falar do tempo horrível em vez de comentar a horrível situação de insegurança, ou a recessão que assolava todos os setores da economia” (CASTEL-BLOOM, 2003, p.132). A presença do estado na opinião pública enfraquece, enquanto se fortalece a da mídia.

O papel do presidente do estado – cuja carrei-

ra política é toda marcada por eventos bélicos – se reduz à representação oficial em cerimônias fúnebres:

Pouco mais de um ano se passara desde que Tekoa fora eleito presidente de Israel por cinco anos, e por mais da metade do tempo desde que pronunciara na tribuna do *Knesset*: “Declaro minha fidelidade ao Estado de Israel e prometo defender suas leis e desempenhar fielmente o papel de presidente do Estado”, ele estivera indo de um funeral a outro, de um velório a outro, de um telefonema de condolências a outro, e depois visitando os feridos no hospital, e assim por diante (CASTEL-BLOOM, 2003, p.71-2).

Por sua vez, a imprensa, principalmente a televisiva, se torna onipresente; como sempre, fabricando notícias de consumo efêmero:

A semana de fama da família Beit-Halahmi, os pais Kati e Boaz, e as crianças Adi, Topaz, Aaron e Moshe começou na noite do dia 20 de Tevet, quando o relatório sobre pobreza em Israel foi publicado, e em consequência a emissora local de Ramle-Lod mandou uma equipe para visitá-la. O circo que a mídia montou em torno da família terminou com um pequeno comentário em voz inexpressiva, no dia 27 de Tevet (CASTEL-BLOOM, 2003, p.98-9).

O clima é o grande assunto. Num primeiro momento, a atenção dos telespectadores é capturada pelos meteorologistas, mas logo se cansam também deles:

O dia 12 de shevat foi o mais frio da história do estado de Israel (...). Nos debates que aconteceram depois do noticiário nos canais mais impor-

tantes, comentaristas políticos e militares sentavam-se ao lado de membros do *Knesset*, ministros do gabinete, mas a maior parte dos programas foi ocupada por meteorologistas, e depois que o público perdeu o interesse neles e suas piadas não provocavam mais risos, foram seguidos por especialistas na física das nuvens e de precipitações, geologia estrutural, ciências planetárias, dinâmica atmosférica e mudanças climáticas (CASTEL-BLOOM, 2003, p.131).

Através de criação de uma distopia, *Partes Humanas* solicita do leitor uma reflexão profunda sobre a própria condição de existência do estado de Israel no século vinte e um e a incerteza em relação ao futuro, apontando não só para a permanente sensação de insegurança, resultado do fracasso das tentativas de obter a paz com os palestinos, mas também para as crescentes dificuldades de relacionamento entre os diversos grupos da população, expondo o que Kati, uma das protagonistas, chega a chamar de racismo, não só entre judeus e árabes [“- Você é doida, completamente desequilibrada! Desde que apareceu na televisão, você pirou. Está de miolo mole. Foi sorte não terem nos matado. Quem deixa os árabes entrarem em casa hoje em dia? Só lunáticos, ou outros árabes.” (CASTEL-BLOOM, 2003, p.25-26)], como também entre judeus de diversas origens [“- Minha família veio para cá do Curdistão (...). Eles pensavam que eu não era boa para o filho deles por causa das minhas origens e também por causa de onde cresci” (CASTEL-BLOOM, 2003, p.22); “- Os israelenses nativos fugiram, os russos vieram. Imigrantes novos. Não que eu tenha alguma coisa contra os russos. Deus me livre. Meus filhos já falam russo, cantam músicas em russo, fazem poesia, tudo. Só espero que não comecem a comer carne de porco” (CASTEL-BLOOM, 2003, p.24)].

O título do romance remete, numa primeira leitura, às vítimas dos atentados; mas também alude às consequências do clima e do enfraquecimento da capacidade do Estado de proteger a população. Nas palavras de um médico, “(c)omo se não bastasse o que os homens-bomba fazem às vítimas, elas ainda sofrem com o frio e com a negligência” (CASTEL-BLOOM, 2003, p.16); na própria estrutura do romance, as histórias das personagens se misturam como as partes dos corpos das vítimas dos atentados.

Fogo Amigo

A. B. Yehoshua nasceu em Jerusalém em 1936, quinta geração de uma família sefardi jerusalemita. Após estudar literatura hebraica e filosofia na Universidade Hebraica de Jerusalém, começou uma carreira de ensino. De 1963 a 1967 viveu e lecionou em Paris; atualmente é professor de literatura na Universidade de Haifa. Publicou vários romances, volumes de contos, peças de teatro e ensaios, e é um dos autores israelenses mais conhecidos no mundo.

Foi agraciado com diversos prêmios literários, em Israel, na Inglaterra, na Itália. Seu romance *Cinco Estações* (1990), em 2007, foi considerado como um dos dez livros mais importantes desde a criação do Estado de Israel.⁵

O romance *Fogo Amigo: um dueto* foi publicado em 2006 e lançado no Brasil em 2010. Conta a viagem de Daniela, esposa de Yaári, ao centro da África, ao encontro do cunhado Yirmiyáhu, com o objetivo de melhor entender as circunstâncias da morte de Shúli, sua irmã.

Em jargão militar, “fogo amigo” é um ataque que atinge as próprias tropas ou tropas aliadas, por erro de cálculo, de comunicação ou de interpretação; por extensão, ataque feito por amigos, colegas ou aliados, e também atitude de traição.

Este é o significado básico do título do romance: Eyáli, filho de Yirmiyáhu e Shúli, servia no exército israelense e foi morto, em uma ação de repressão contra palestinos, por seus próprios companheiros. Este evento abala de tal forma seus pais que Shúli perde o interesse pela vida e acaba morrendo, e Yirmiyáhu, obsessivamente, buscará investigar em detalhe as circunstâncias que vitimaram seu filho. Ao final de sua pesquisa, ele, que tinha chefiado uma representação comercial do estado de Israel na Tanzânia, agora descontinuada, cortará todos os vínculos com Israel, recusando-se, até mesmo, a ler jornais e revistas em hebraico: o fogo é o destino imediato de todo o material que Daniela, generosamente, trouxera para ele do avião, e também das velas que serviriam para a comemoração de Hanuká. O tema do fogo, nem sempre amigo, perpassa todo o romance.

Fechado o escritório comercial, Yirmiyáhu, agora, é administrador de uma expedição arqueológica de que participam especialistas de vários países africanos.

Mas “fogo amigo” tem outros significados. A começar da própria estrutura do romance: cada capítulo abrange um dia e tem como título o número de velas a acender na festividade de Hanuká,⁶ a partir da segunda. Esta conexão é evidenciada na cerimônia em que o velho pai de Yaári convoca Hilário, filho de seu cuidador filipino, a acender as velas da segunda noite, e “este, então, acende a vela que está em sua mão, e sussurrando – sem cometer nenhum erro – canta as duas bênçãos tradicionais, transferindo o fogo amigo para as duas outras velas espetadas no seu pequeno candelabro de argila” (YEHOSHUA, 2010, p.49).

“Fogo amigo” é também o fogo perpétuo mantido pelas famílias africanas em seus casebres, indicativo de uma antiga tradição:

“Eles não têm medo de que o fogo pegue na palha e queime a casa?”

“Mesmo que queime, eles a construirão de novo muito facilmente. Esse é um fogo perpétuo, eles mantêm há muitas gerações o hábito de conservá-lo aceso, mesmo no verão mais abrasador.”

“Fogo amigo”, ela sussurra sem querer e seus olhos enchem-se de lágrimas devido à fumaça.

(YEHOSHUA, 2010, p.84)

A ambientação do romance em plena África negra não é fortuita. Ao escolher a região considerada como a menos civilizada do mundo, para contrastar com Israel, com justiça considerado como um dos países mais civilizados graças à tradição e cultura multimilenares de seu povo, Yehoshua pode refletir sobre a relação entre fogo, civilização e morte, sobre civilização e felicidade dos povos.

Daniela e Yirmiyáhu assistem à cerimônia de encerramento da expedição arqueológica, em que o chefe tanzaniano discursa sobre a conquista do fogo pelo homem e sua capacidade de entendê-lo. Somente o homem, diz ele, foi capaz de conquistar o fogo, do qual dependem a maior parte das coisas que cria ou constrói, assim como do fogo dependem a destruição e o extermínio. Também só o homem tem consciência da morte. Segundo o sábio africano, “(p)or dois fatores principais a consciência do homem difere da dos animais: pelo conhecimento do fogo e pelo conhecimento da morte. E há ligação entre os dois saberes, um deles levando ao nascimento do outro: o fogo tornou o homem a criatura dominante sobre a face da Terra, mas também o transformou na mais infeliz, pois sabe que sua morte é inevitável” (YEHOSHUA, 2010, p.336-337).

Noutra ocasião, em contraste, Daniela pega emprestado um exemplar da Bíblia em inglês e pede para deixá-lo com Yirmiyáhu quando ela voltar

para Israel, para que ele o devolvesse, “(n)a condição de você não queimá-lo também”. Ao que Yirmiyáhu responde: “Por que não queimá-lo? Por que a fonte de todos os problemas tem mais imunidade que os jornais? Foi com esse livro que começaram todas as confusões e maldições. Justo esse é preciso destruir” (YEHOSHUA, 2010, p.267).

Em *O Sr. Máni*, Yehoshua encontrava na origem da família Máni, representativa do próprio povo judeu, um episódio de filicídio seguido de incesto entre sogro e nora, necessário para a continuidade do clã. Referência aos episódios bíblicos de Avraham e Isaac, e de Yehudá e Tamar. Na verdade, cada capítulo do romance atualiza interdições bíblicas, notadamente o pecado de incesto, real, potencial ou imaginário, que paralizam as personagens.

Agora, o protagonista, homônimo do grande profeta, responsabiliza os profetas, e por extensão toda a mensagem profética que formou o povo judeu, por todos os males que o afligem: “Eu também (não lia os profetas), até que o Eyáli foi morto. Mas então comecei a lê-los novamente, um depois do outro, e de repente percebi a profunda maldição incutida por eles nos genes desse povo.” (YEHOSHUA, 2010, p.276)

Para Yirmiyáhu, talvez aqui *alter ego* do autor, “(t)oda a sabedoria dos judeus jamais perceberá de que modo os outros os enxergam. Estou falando dos verdadeiramente outros, aqueles que não são nós e jamais serão nós.” Conta para Daniela que, no final de sua investigação sobre as circunstâncias da morte de Eyáli, implorara a um farmacêutico árabe que lhe arranjasse um novo encontro com o palestino que mora na casa onde seu filho fora vitimado. “À noite, em plena intifada, num risco de vida duplo, tanto das nossas forças quanto das forças oponentes. E esse foi o meu primeiro vislumbre do abismo para o qual estamos deslizando. Ou

melhor, vocês estão.” (YEHOSHUA, 2010, p.314)

A reflexão final de Yirmiyáhu para Daniela mostra porque, para Yehoshua, só é possível entender a condição de existência do povo judeu por meio de um contraste com os habitantes do centro da África negra: “Aqui não existe nenhum túmulo antigo nem pisos de sinagogas em ruínas; não há museus com restos de cortinas queimadas, nem testemunhos sobre *pogroms* e holocaustos, e não há exílios nem diásporas. Aqui não houve uma Era de Ouro, e não havia uma comunidade que contribuiu para a cultura universal. (...) As pessoas ao meu redor estão vazias e libertas de todo esse cipoal extenuante e criador de confusão. Mas estão vivas” (YEHOSHUA, 2010, p.335-336). Ou seja, tal como em *O Sr. Máni*, o autor parece afirmar que a normalização do povo judeu necessita passar por um acerto de contas com seus mitos fundadores.

A mulher foge (das notícias)

David Grossman nasceu em Jerusalém, em 1954. Estudou filosofia e drama na Universidade Hebraica de Jerusalém, e depois trabalhou na Rádio Israel. Já escreveu romances, peças teatrais, coleções de contos, novelas curtas, livros para crianças e jovens, além de vários livros de não-ficção, incluindo entrevistas com palestinos e árabes israelenses. Recebeu diversos prêmios e honrarias, em Israel e na Áustria, Itália, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, França; não só literários, mas também por seus esforços pela promoção da paz. Em 2007, seus romances *O Livro da Gramática Íntima* (GROSSMAN, 1994) e *Ver: Amor* (GROSSMAN, 1993) foram incluídos entre os dez livros mais importantes desde a criação do Estado de Israel.⁷

O romance *A mulher foge* foi publicado em 2008 e lançado no Brasil em 2009. Vários aspectos formais contribuem para sua feitura, como: a) o

emprego de técnicas impressionistas, que dão ênfase aos temas da natureza, valorizam a ação da luz natural, fazem uso de pinceladas soltas buscando os movimentos da cena retratada; b) a narrativa propriamente dita é precedida por um capítulo inicial, com o título de “Prólogo, 1967”; a partir daí, os capítulos que se seguem não são identificados nem por título nem por número; c) num romance extenso, com mais de seiscentas páginas, a trama se desenvolve de forma extremamente lenta, com ampla utilização de técnicas de *fluxo de consciência*, como se a protagonista, com apoio do narrador, quisesse, a todo o custo, retardar a revelação de circunstâncias que para ela são muito desagradáveis.

No “prólogo, 1967”, o narrador dá conta das circunstâncias em que Orah, Avram e Ilan se conheceram, ainda jovens de dezesseis anos. Passaram-se mais de 30 anos. Na guerra de 1973, Avram caiu prisioneiro do exército egípcio e foi torturado; voltou para Israel traumatizado e sem vontade de viver. Orah está casada com Ilan, com quem tem um filho, Adam, e teve um relacionamento com Avram – uma tentativa de tirá-lo do estado de apatia em que se encontrava –, do qual resultou outro filho, Ofer. Em plena intifada, Orah e Avram fazem uma longa excursão pela Galileia, oportunidade em que poderão – principalmente Orah – refletir sobre o que aconteceu com suas vidas nesse período.

Motivo da excursão: como Ofer estava para ser desligado do exército, Orah planejou um passeio pela Galileia com ele, para comemorar o evento; mas no dia seguinte ao do desligamento, Ofer volta para o exército, para participar de uma ação de repressão contra palestinos. Orah, então, resolve manter o passeio, mas com a companhia de Avram. E aqui, a mensagem do título: sempre que ocorrem mortes de soldados em ação, o exército israelense costuma enviar mensageiros à casa da família das vítimas para informá-las do sucedido; em um pen-

samento mágico, Orah pensa que se não estiver em casa a comissão militar não terá a quem informar, e, portanto, não haverá vítima. Orah foge das notícias: “...e se eu, digamos, me ferir ou algo assim, onde vão encontrar você? Ela fica em silêncio. Não vão encontrar, ela pensa, é justamente o que quero, e dentro dela mais uma coisa: se não a encontrarem, ele não será atingido” (GROSSMAN, 2009, p.90).

Na trilha seguida, os protagonistas encontram muitos túmulos e memoriais, a ponto de Orah refletir que “já não há lugar para tantos mortos” (GROSSMAN, 2009, p.478). Como os monumentos fúnebres estão ligados às guerras de Israel, é o clima de guerra permanente que pesa sobre todas as personagens e satura todas as possibilidades existenciais. Ao longo da trilha, que acaba sendo uma viagem interior, Orah irá, a pouco e pouco, a pretexto de contar para Avram, se despojando de suas defesas e encarando de frente situações e acontecimentos que tentava ocultar de si mesma, das quais é incapaz de fugir. Daí a lentidão da narrativa. Já no primeiro capítulo, ficamos sabendo que o casamento de Orah com Ilan desmoronou; Ilan está viajando pela América do Sul com o filho Adam; mas não nos é dado saber o que provocou o fim do casamento. Esta revelação só virá à superfície praticamente no final do romance.

A onipresença da guerra, que pesa sobre as mães dos soldados, e por extensão sobre as famílias, sobre toda a sociedade israelense, é vista por Orah como uma cerimônia pagã: “...uma procissão gigantesca, multicolorida, cheia de vida própria: pais e irmãos e namoradas, e até mesmo avós e avós, trazendo seus queridos para a base, o evento da temporada, ela pensa, em cada carro há um jovem rapaz, os primeiros frutos, um carnaval de primavera terminando com sacrifício humano” (GROSSMAN, 2009, p.70).

Mais adiante, Orah conta que Ofer não foi reconvocado, mas apresentou-se como voluntário, pediu para ser aceito de volta no exército, pois está ansioso por combater; isto nos diz muito sobre a personalidade de Ofer, que, saberemos muito mais tarde, causou a situação que fez o casamento implodir. A conta-gotas, recebemos fracas alusões: “E apesar de tudo, posso dizer de coração aberto que desde o nascimento de Ofer até o episódio dele no exército, em Hebron, dois anos atrás, foi muito bom para todos nós juntos” (GROSSMAN, 2009, p.293).

Não vou revelar o episódio, para não estragar a leitura dos futuros leitores, mas é possível antecipar que, através do relacionamento de Orah com os israelenses Avram, Ilan, Adam e Ofer, e com o palestino Sammy, motorista de táxi e amigo, David Grossman analisa as diversas faces do intrincado relacionamento entre israelenses e palestinos. Entre estas, a falta de consideração de israelenses para com os sentimentos de palestinos, por mais que sejam seus “amigos”, mesmo que sejam cidadãos de Israel, e a opressão a que soldados israelenses submetem palestinos suspeitos de vínculos com terroristas. Para o leitor, sobra refletir a respeito dos efeitos do conflito sobre o dia a dia da população israelense. Não por acaso, o caminho percorrido por Orah e Avram é a “trilha de Israel”, que “atravessa o país inteiro”, “desde o norte”, “até Eilat” (GROSSMAN, 2009, p.310).

NOTAS

1 Agradeço aos comentários dos dois avaliadores *ad hoc* que emitiram pareceres a uma versão anterior deste texto, permitindo-me reformulá-lo, embora nem todos os detalhes sugeridos tenham sido acatados. Os textos utilizados neste artigo foram examinados no curso “Romance e Política na Literatura Hebraica”, oferecido na Universidade de São

Paulo (USP), em regime de extensão, no primeiro semestre de 2012. Espero que o artigo sirva de estímulo para a leitura das obras abordadas e de tantas outras que fazem parte do corpo da literatura israelense contemporânea, sem dúvida das mais importantes no cenário mundial dos séculos XX e XXI. Além dos textos examinados, recomendo ainda a leitura de Yehoshua, 1992, Shaked, 2000, Schwartz, 2000, Izehar, 2007 e Castel-Bloom, 2010.

2 Parlamento israelense.

3 <http://www.ithl.org.il>

4 Holocausto.

5 <http://www.ithl.org.il>

6 Festa das Luzes.

7 <http://www.ithl.org.il>

REFERÊNCIAS

- APELFELD, Aharon. “Berta” in BEREZIN, Rifka (org.), *O novo conto israelense*. Tradução de Rifka Berezin e equipe. São Paulo: Símbolo, 1978, p. 69-82.
- _____. *Histoire d'une vie*. Tradução de Valérie Zenatti. Paris: Éditions de l'Olivier, 2004, 239p.
- CASTEL-BLOOM, Orly. *Partes Humanas*. Tradução de Viviane Gouveia. Rio de Janeiro: Imago, 2003, 244p.
- _____. *Dolly City*. Tradução de Dalya Bilu. Champaign and London: Dalkey Archive Press, 2010, 176p.
- GROSSMAN, David. *Ver: Amor*. Tradução de Nancy Rozenchan. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, 480p.
- _____. *The Book of Intimate Grammar*. Tradução de Betsy Rosenberg. New York: Farrar Straus Giroux, 1994, 343p.
- _____. *A mulher fuge*. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, 656p.
- IZEHAR, S. “Efraim volta para a alfafa” in BEREZIN, Rifka (org.). *A geração da terra*. Tradução de Rifka Berezin e equipe. São Paulo: Summus, 1983, p. 195-244.
- _____. *Midnight Convoy & Other Stories*. Tradução de Misha Louvish & others. New Milford: London: The Toby Press, 2007, 288p.

OZ, Amós. *A caixa preta*. Tradução de Nancy Rozenchan. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, 242p.

SCHWARTZ, Yigal. *Aharon Appelfeld: from Individual Lament to Tribal Eternity*. Tradução de Jeffrey M. Green. Hanover: University Press of New England, 2001, 194p.

SHAKED, Gershon. *Modern Hebrew Fiction*. Tradução de Yael Lotan. Bloomington: Indiana University Press, 2000, 287p.

YEHOSHUA, A. B. *Cinco estações*. Tradução de Tati Moraes e Emanuel Brasil. Rio de Janeiro: Imago, 1990, 345p.

_____. *O Sr. Máni: romance em conversas*. Tradução de Nancy Rozenchan. Rio de Janeiro: Imago, 1992, 398p.

_____. *Fogo amigo: um dueto*. Tradução de Davy Bogomoletz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, 384p.